



REDE FEMINISTA  
DE GINECOLOGISTAS  
E OBSTETRAS



## **NOTA SOBRE VACINAS PARA COVID-19 DE CRIANÇAS E GESTANTES**

*Rede Feminista de Ginecologistas e Obstetras*

*Coletivo Adelaides*

*Rede Brasileira de Mulheres Cientistas*

Neste momento em que se inicia a vacinação nacional de crianças de 5-11 anos contra COVID-19, nós, da Rede Feminista de Ginecologistas e Obstetras, do Coletivo Adelaides e da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas, vimos a público expressar nosso apoio integral à vacinação das crianças, ao mesmo tempo em que reforçamos a importância de prosseguir a vacinação e a dose de reforço das gestantes e puérperas.

Conforme amplamente demonstrado, as crianças não somente são susceptíveis à infecção por COVID-19, mas também correm risco de desenvolver formas graves e de morrer. Mais de 300 mortes na faixa etária de 5-11 anos foram documentadas durante a pandemia em 2020/2021 no Brasil, resultando em uma morte de criança a cada dois dias. A COVID-19 já é a primeira causa de morte por doenças infecciosas em crianças e a segunda causa geral de mortes, ficando atrás somente dos acidentes automobilísticos. Além disso, crianças também podem ter internação por complicações da doença e sofrer as sequelas da COVID longa.

Destacamos, ainda, o forte recorte elitista, racista e classista desses óbitos, uma vez que a maioria das crianças que morrem por COVID-19 são pobres, negras, indígenas, moram em favelas ou cidades menores. Essas crianças deveriam ser priorizadas no plano de vacinação, ao lado das crianças indígenas e com deficiência, muito embora o alvo seja vacinar TODAS as crianças. No entanto, sabemos que a hesitação/recusa vacinal é exatamente mais frequente entre as camadas mais escolarizadas e de maior renda da sociedade, que egoisticamente recusam a vacina porque reconhecem como mais baixo seu risco de morrer.

Cumpramos destacar, por outro lado, que a vacinação de todas as crianças também faz parte da estratégia de controle da pandemia, uma vez que as crianças atuam como transmissoras da doença, e sua vacinação deve contribuir para o declínio do número de casos e de mortes, devendo prosseguir em ritmo célere para evitar o surgimento de mais e novas variantes.

A segurança das vacinas tem sido bem documentada. Além do ensaio clínico envolvendo mais de 2.000 crianças publicado em novembro no New England Journal



REDE FEMINISTA  
DE GINECOLOGISTAS  
E OBSTETRAS



of Medicine, que não demonstrou efeitos adversos sérios, já dispomos de dados de farmacovigilância para a vacina da Pfizer: dentre 8,7 milhões de crianças vacinadas nos Estados Unidos da América, houve apenas 12 casos de miocardite, nenhum fatal, oito crianças se recuperaram e quatro ainda estavam em recuperação no momento da publicação dos dados. Mais ainda, dos 4.249 casos que tiveram reações adversas, 98% foram leves e somente 2% (100 casos dentre os 8,7 milhões) foram sérias. Entre as reações sérias, por ordem decrescente, as mais frequentes foram febre e vômitos. A taxa de miocardite em crianças de 5-11 anos foi 10 vezes menor do que entre os vacinados de 12-15 anos.

É preciso combater com firmeza os negacionistas e suas *fake news*, sobretudo os médicos antivacinas, que tanto estrago podem causar com suas orientações e recomendações equivocadas, que constituem verdadeiro crime contra a saúde pública, e que ressoam mais fortemente atingindo, sobretudo, a classe média e alta, uma elite que se alimenta de postagens e vídeos de teor pernicioso em grupos de WhatsApp e nas redes sociais, podendo porém repercutir exatamente naqueles que mais precisam da vacina, um público-alvo para o qual as campanhas de “esclarecimento” habitualmente não estão voltadas. O SUS tem um papel importantíssimo na identificação e busca ativa das crianças mais vulneráveis e com sua capilaridade chegar a todas elas.

Concomitantemente, insistimos que deve prosseguir a vacinação de TODAS as gestantes e puérperas, ofertando-se tanto as doses iniciais para quem ainda não se vacinou como a dose de reforço para quem já tem esquema inicial completo, devendo a dose de reforço ser realizada com a vacina da Pfizer. De acordo com as estimativas, são cerca de 3 milhões de gestantes no país, e os dados disponíveis até novembro no Observatório Obstétrico Brasileiro indicavam que apenas 55% tinham recebido uma dose e 45% duas doses. Não podemos deixar de mencionar o “apagão” dos dados devido a um suposto ataque *hacker*, o que nos impediu de ter atualizações sobre o número de vacinas e de doses de reforço durante 45 dias.

As vacinas são essenciais para redução do número de casos e de mortes em gestantes e puérperas. Segundo a última atualização em 15.01.2022, desde o início da pandemia são 1.966 gestantes e puérperas mortas pela COVID-19, sendo 1.506 somente em 2021 (227% a mais que em 2020). Os dados até o momento disponíveis evidenciam que o risco de morte por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) é



REDE FEMINISTA  
DE GINECOLOGISTAS  
E OBSTETRAS



ADELAIDES  
feminismo e saúde



REDE  
BRASILEIRA  
MULHERES  
CIENTISTAS

cerca de cinco vezes maior em não vacinadas em relação às vacinadas. Desde o início da vacinação que se estendeu para todas as gestantes e puérperas independentemente de ter ou não comorbidades, a partir de 06.07.2021 (depois de muito atraso do Ministério da Saúde e de várias notas técnicas confusas e contraditórias), evidenciou-se nítido declínio da média móvel de casos diários e de mortes maternas por COVID-19.

As vacinas para COVID-19 são seguras e efetivas na gravidez e atualmente já dispomos de vários estudos controlados evidenciando que não trazem danos aos fetos nem acarretam risco de aborto ou perda fetal. Convenientemente, médicos, até obstetras antivacinas interpretam de forma distorcida e desonesta o primeiro artigo publicado no NEJM que avaliou os dados preliminares de segurança da vacina da Pfizer, fazendo crer às gestantes que existe risco de aborto. Além disso, muitos ainda recomendam aguardar 12, 16 ou 20 semanas para se vacinar ou receber a dose de reforço, recomendação essa que não tem qualquer evidência científica nem *rationale*, atrasa a vacinação e permite contrair a doença que pode ocorrer precocemente e em formas graves e ela, sim, a COVID-19, é que tem o potencial de trazer graves danos para a gestante e o conceito: DEVE-SE TEMER A DOENÇA E NÃO A VACINA!

Convidamos, portanto, toda a sociedade, os conselhos médicos, as sociedades de especialidades, Ministério Público, o Ministério da Saúde, as secretarias estaduais e municipais de saúde, ONGs, CONASS, a se engajar conosco nessa luta pela vacinação de todas as crianças de 5-11 anos e das gestantes e puérperas. É preciso realizar uma campanha massiva de incentivo à vacinação, URGENTE.

Em 18 de janeiro de 2022,

*Rede Feminista de Ginecologistas e Obstetras*

*Coletivo Adelaides*

*Rede Brasileira de Mulheres Cientistas*